

POSSIBILIDADE DE EFEITOS DE SENTIDO DA ATITUDE TERAPÊUTICO-DECONSTRUCIONISTA EM PESQUISAS DA/NA EDUCAÇÃO (MATEMÁTICA)

Carolina Tamayo-Osorio
Universidade Estadual de Campinas
carolina.tamayo36@gmail.com

Márcia Maria Bento Marim
Faculdade Estadual Tecnológica de São Paulo (FATEC – Polo Sertãozinho)
benmar.t@hotmail.com

Resumo:

Este artigo traz algumas considerações que emergiram do entrelaçamento de duas pesquisas, Marim (2014) e Tamayo-Osorio (em desenvolvimento), as quais podem ser vistas como expressões de uma atitude teórico-metodológica empregada a partir das aproximações tensionais dos estudos do Segundo Wittgenstein e de Derrida. No caso das pesquisas na/da educação (matemática), o modo como se pratica a pesquisa terapêutico-desconstrucionista tem o objetivo de vislumbrar pensamentos outros, na busca de compreender as práticas (matemáticas) socioculturais e suas aproximações ou distanciamentos com o ensino de matemática escolar. Os resultados apontaram para os efeitos de sentido provocados pelas pesquisas constituídas sob a luz da *terapia-desconstrucionista* que levam à desconstrução de discursos naturalizados que perpassam o ensino e aprendizado de/na educação (matemática).

Palavras-chave: Jogos de linguagem; filosofia wittgensteiniana; história da educação (matemática).

1. Introdução

Este texto que por via se constitui para este Encontro Nacional de Pesquisas em Educação Matemática, ano 2016, procura trazer para discussão alguns possíveis efeitos de sentido do que o grupo PHALA¹ vem fazendo em pesquisas acadêmicas, sobretudo, mas não exclusivamente, no campo da educação matemática.

Os efeitos de tais pesquisas apontam, sem prescrever, modos outros de ver os *jogos de linguagem* que perpassam, tanto as práticas escolares como as não escolares, para pensar a educação matemática partindo de outros lugares possíveis. Serão apresentados rastros citacionais, especificamente, de duas pesquisas, Marim (2014) e Tamayo-Osorio (em

¹PHALA – *Grupo de Estudos em Educação, Linguagem e Práticas Socioculturais* – é o nome dado ao grupo de pesquisa interinstitucional alocado na Universidade Estadual de Campinas, no qual há um subgrupo sob orientação do Prof. Dr. Antônio Miguel que tem praticado o modo terapêutico desconstrucionista em suas pesquisas. De modo geral, os pesquisadores do PHALA compartilham da compreensão de que a problematização da relação entre linguagem e práticas socioculturais pode ser promissora nos modos de se fazer a educação escolar, tanto nos aspectos do fazer pedagógico como do fazer da pesquisa acadêmica. Um dos interesses do grupo está nos desdobramentos da virada linguística e do pressuposto do papel constitutivo da linguagem entre as formas de vida, isto é, as formas de se praticar e significar a subjetividade, as práticas sociais, a formação de professores, as práticas curriculares, dentre outras.

desenvolvimento)

que partindo da *terapia desconstrucionista* como atitude teórico-metodológica, propõe-se desde lugares diferentes, aproximar-se as problemáticas relacionadas com a ‘escola’ a partir de efeitos de sentido produzidos ao respeito desse debate. Estas pesquisas referem-se tanto à terapia como a desconstrução como atitudes e não como metodologia de pesquisa.

A dissertação de Marim (2014), *AM[ou]: um estudo terapêutico-desconstrucionista de uma paixão*, partiu da constatação da longevidade de práticas mobilizadoras de rastros de significação de práticas de ensino de matemática sugeridas pelos cadernos de Atividades Matemáticas, material elaborado na década de 1980 pela Coordenadoria de Estudos e Normas Pedagógicas da Secretaria Estadual de Educação do Estado de São Paulo (AM – SEE/CENP/SP) para, então, levar ao divã da terapia desconstrucionista discursos que se apoiam na crença da existência de uma idealidade fora da linguagem, o que, com efeito, endossam, não apenas, discursos favoráveis e prescritivos ao uso de materiais manipuláveis nas aulas de ensino de matemática escolar.

Já a pesquisa de Tamayo-Osorio, atualmente em desenvolvimento, foi motivada pelos diálogos com professores, caciques, lideranças, homens e mulheres da comunidade indígena Gunadule de Alto Caimán (Necoclí, Colômbia) para aprofundar na sua história, sua cultura e seus saberes, além de pensar o porvir da educação (matemática) indígena Gunadule. Assim, o objetivo da pesquisa está focado em *descrever* com uma atitude terapêutica wittgensteiniana jogos (matemáticos) de linguagem considerando diversos campos de atividade humana da Comunidade de Alto Caimán, abordando o problema da transposição de uma ‘escola’ resultante do etnocentrismo da cultura europeia na cultura indígena da comunidade. Parte-se da constatação de que o problema da ‘escola’ como modelo tipicamente republicano seja visto e discutido a partir das diferentes significações que esse debate apresenta nessas duas formas de vida.

Vale a pena notar que para cada pesquisa foi necessário uma terapia que não é vista como uma metodologia empírico-verificacionista [com prescrições e definições], já que ela pressupõe a ação do pesquisador imerso na pesquisa e não como um ilustrador posicionado na borda dela, cujo sucesso acadêmico estaria na representação supostamente fiel consumada pela escrita do vivido. Essa pressuposição implica na principal crença de que “linguagem não representa o pensamento, porque o pensamento não é, senão, linguagem” (MARIM, 2014, p.28).

2. Alguns efeitos da atitude terapêutico-desconstrucionista em pesquisas da/na educação matemática:

Propomo-nos apresentar três tipos de efeitos de sentido da atitude *terapêutico-desconstrucionista*, sem desconhecer outros que podem ser produzidos, mas de forma específica são de nosso interesse os seguintes: (1) o modo de encenar a escrita, modos outros de lidar com as narrativas como jogos de cena; (2) desconstrução da crença de que para aprender matemática escolar seja necessário manipular objetos; (3) compreensão das matemáticas como um conjunto diversificado e heterogêneo de práticas performativas.

2.1 O modo de encenar a escrita, modos outros de lidar com as narrativas como jogos de cena:

As últimas pesquisas produzidas no grupo PHALA têm dado conta de outros modos de encenar a escrita da pesquisa em educação matemática, modos estes que, variam segundo as necessidades da própria pesquisa e dos diversos percursos do pesquisador em relação aos efeitos de sentido da constatação que se coloca como objeto de pesquisa. Partindo de rastros citacionais de estudos de John L. Austin e John R. Searle, na área da linguística, para entender a linguagem enquanto *performance* (MCDONALD, 1994; 2001) o grupo PHALA tem trabalhado, não exclusivamente, com a compreensão das narrativas como jogos de cenas.

A constituição de *jogos de cenas* em um estilo dissertativo-acadêmico constitui o propósito central de textos/pesquisas que não mais imaginam que se possam adentrar em algo além ou independente de práticas de *performance* da linguagem. Nesse entendimento, a prática de escrita, sobre uma perspectiva wittgensteiniana, concretiza uma possível conciliação da noção derridiana de iterabilidade com a noção austiniana de performatividade (MCDONALD, 2001).

Henry McDonald, professor na Universidade de Oklahoma, nos Estados Unidos da América, fala dos efeitos performáticos em textos cujas separações entre realidade/ficção podem ser borradas ou mesmo inexistentes:

[...] a linguagem é um fenômeno temporal, no sentido em que ela não meramente se limita a transmitir informações, mas também, performa atos linguísticos em jogos de linguagem, isto é, em práticas discursivas em processo, assim também, a ficção não se limita a recontar acontecimentos em histórias, mas também, *performa* os atos

de contar histórias em atos narrativos [...].(MCDONALD, 2001, p.35, tradução e grifo nosso)

Nesse sentido Tamayo-Osorio & Cuellar-Lemos (2016, p. 56) esclarece como as narrativas são “também um jogo de linguagem, são um ato, que não visa, desde este nosso modo de ver, *explicar* que as coisas têm de "ser" de uma "única" forma. Narrar uma experiência mostrará que pode ser compreendido um amplo contexto de significação, e com isso toda uma rede de ligações torna-se evidente”.

Além das duas pesquisas, outros trabalhos podem ser exemplos de modos outros de encenar a escrita acadêmica, ou mesmo motivadores de possíveis efeitos da *terapia-desconstrucionista* no campo da educação matemática, como a tese de Farias (2014), *Práticas mobilizadoras de cultura aritmética na formação de professores da Escola Normal da Província do Rio de Janeiro (1868–1889)*. Farias usou o modo dialógico (jogos de cenas) para encenar sua narrativa historiográfica, criando personagens com base em seu “arquivo cultural constituído na e pela pesquisa” (MIGUEL, 2015, p. 636).

Somando a esse, a tese de Jesus (2015), *Indisciplina e transgressão na escola*, partindo dos modos como o grupo PHALA tem entendido a concepção terapêutico-desconstrucionista, foi escrita em jogos de cenas inspirados no percurso de problematização indisciplinar de práticas socioculturais que a pesquisadora viveu com crianças de uma turma de 4º ano do Ensino Fundamental I, ao longo do ano de 2010, na Rede Municipal de Vinhedo, São Paulo. Os efeitos que a tese de Jesus (2015) provoca está na possibilidade de problematizar o ensino organizado em disciplinas escolares (objetos de ensino e de aprendizagem), assim como, problematizar a relação entre as crianças e as disciplinas escolares, os conhecimentos mobilizados no contexto escolar em relação às práticas socioculturais, dentre outras relações praticadas.

Já a pesquisa de Corrêa (2015) teve o propósito investigar as condições de emergência da Educação Matemática enquanto um campo autônomo de pesquisa acadêmica, partindo do enunciado de Paul Ernest que afirma ser a *Educação Matemática Filha da Guerra Fria*. O texto foi produzido por uma *máquina pós-metafísica wittgensteiniana de guerra*, por meio de um *estilo dos estilhaços* que se mostrou em consonância com a atitude metódica de investigação *terapêutico-arqueológica*, simultaneamente inspirada na filosofia terapêutica de Wittgenstein, no modo arqueológico de Michel Foucault praticar a historiografia e no modo

como Jaques Derrida desconstrói o grito babélico de guerra – HE WAR – de James Joyce. O percurso terapêutico estilizado de investigação mostrou a insuficiência e o caráter pouco esclarecedor do enunciado de Ernest e acabou sugerindo que a emergência da educação matemática como campo autônomo de investigação acadêmica poderia estar mais sutil e remotamente conectada à percepção da possibilidade de produção de jogos normativos de linguagem - isto é, de máquinas de qualquer natureza – de abrangência e aplicabilidade transdisciplinares inusitadas, bem como da emergência de um potencial de otimização, sem precedentes, para o controle de processos operacionais quaisquer. Por extensão, essa percepção de um poder operacional amplo e irrestritamente aberto desses jogos maquínicos de linguagem parece ter levado também à percepção da possibilidade de ampliação irrestrita do poder.

Estas formas de encenação da escrita, como *jogos de cenas* em pesquisas no campo da educação (matemática), está também inspirada em Austin, o qual apresentou que “a teoria dos atos da fala [deve se envolver] não [apenas] com as intenções, mas com os efeitos” (CARLSON, 2009, p.83) do escrito, assim os jogos de linguagem são vistos como ‘performativos’ e com base em Wittgenstein, eles podem ser vistos como *jogos de cena*, ou seja, como jogos de ações corporais (WITTGENSTEIN, 1975; MIGUEL 2011 e 2012). Esse modo de entender a linguagem enquanto performance, isto é, vê-la como *encenação narrativa*, ou jogos de cenas se coloca como um dos possíveis efeitos gerados a partir das aproximações e tensões entre os estudos wittgensteinianos e derridianos.

2.2 Desconstrução da crença de que para aprender matemática escolar seja necessário a manipulação de objetos.

Os efeitos de sentido provocados pelo jogo de cenas ‘Cenas com Labirinto’, um excerto da pesquisa de Marim (2014), possivelmente se efetivaram por meio de se colocar no divã da terapia desconstrucionista os discursos cristalizados, principalmente aqueles que se sustentam na efetividade dos materiais manipuláveis para o ensino de matemática escolar, fundada na ideia de representação da linguagem, como se fosse possível a formação de objetos mentais independentes da linguagem, isto é, independentes dos jogos de linguagem.

Em Marim (2014, p. 181 a 212) é tecido um dos possíveis efeitos, no modo como foi mobilizado o jogo de cenas inspirado na pesquisa de campo, que serviu de mote para a problematização do uso de materiais concretos ou manipuláveis, do tipo ábacos, material dourado, *cuisinaire*, dentre outros, os quais apareceram com relevância nas significações dos professores pesquisados.

No jogo de cenas, *Cenas com Labirinto*, Marim (2014) mobilizou terapêuticamente algumas dessas significações, colocando no divã da terapia desconstrucionista os discursos dicotômicos – a favor ou contra o uso do material manipulável [concreto] –, inserindo outros aspectos nesta discussão, aqueles relativos à materialidade da linguagem, numa perspectiva wittgensteiniana –, os quais não apoiam e nem condenam o uso do material concreto, todavia coloca-o fora de uma “demarcação entre pensamento (interno) e práxis social” (GEBAUER, 2013, p.118), mas dentro das encenações de linguagem em práticas performativas, isto é, em práticas corpóreas linguísticas no fluxo da vida, pois para Wittgenstein “não é possível separar a existência corpórea do pensamento e da linguagem.” (Ibid., p.198).

Na perspectiva wittgensteiniana não se justificaria o argumento do uso do material manipulável no intuito da representação mental de um objeto, ou mesmo para construir imagens mentais sobre um determinado procedimento ou absorver e fixar conceitos na mente por meio dos sentidos. Sob um ponto de vista linguístico-pragmático – se é que faz sentido falar em interior (mente) e exterior como ‘lugares’ bem delimitados e dotados de estabilidade –, o interior não pode ser visto como independente de suas formas de exteriorização. Desse modo, o interior [mente, eu, *self*, psique, espírito etc.] é visto como “produto da dinâmica dos contextos de vida” (PERUZZO JUNIOR, 2011, p.25).

2.3 Compreensão das matemáticas como um conjunto diversificado e heterogêneo de práticas performativas.

Partindo do estudo da constatação de que a ‘escola’ constituiu e constitui um problema tanto para a comunidade indígena Gunadule quanto para os Estados nacionais que a instalaram após terem sido submetidos a processos de colonização, a pesquisa de Tamayo-Osorio (em desenvolvimento) parte dos efeitos de sentido do problema da escola visto e discutido a partir das diferentes significações que esse debate apresenta nessas duas “formas de vida”, tanto a indígena, quanto a não indígena.

A partir dos efeitos da pesquisa do segundo Wittgenstein, o qual estabeleceu distinção entre matemática como um domínio de conhecimento proposicional e conceitual e matemática como um conjunto diversificado e heterogêneo de práticas performativas, a pesquisadora propôs-se estudar *jogos fronteiraços de linguagem*, provenientes das semelhanças de família que são tecidas para e no ensino-aprendizado das práticas disciplinares (escola) e as práticas indisciplinadas (relativas à vida da comunidade), procurando ampliar as significações em uso das *matemática em ação*, isto é, como conjuntos heterogêneos e dinâmicos de encenações simbólicas regradas do corpo humano, em vista de que, “[...] Certamente a matemática é, em certo sentido, uma doutrina, mas também um *fazer*. [...]” (WITTGENSTEIN, 1979, IF- Parte II, p. 219, itálicos do autor).

Em concordância com grande parte das leituras contemporâneas sobre Wittgenstein considera-se uma concepção normativa da matemática – a qual não pode ser compatibilizada com concepções logicistas, intuicionistas, formalistas, convencionalistas, ou mesmo, com algumas concepções antropológicas mais recentes –, assim, a matemática, embora possa ser vista como uma "doutrina" passa também a ser vista como uma "atividade", tomando esse termo em seu duplo sentido de performance/encenação corporal direta que opera sobre signos e de práxis social de diferentes comunidades de prática. Este é um dos principais efeitos da prática filosófica de Wittgenstein, na qual a matemática deixa de ser vista como um domínio de conhecimento unitário, estruturado e logicamente consistente e passa a ser vista como uma coleção heterogênea e autossuficiente de modos regrados de encenação performativa da linguagem. Em outras palavras, matemáticas no plural, passam a ser vistas como um conjunto de práticas, uma vez que a própria linguagem perde a sua unidade e invariabilidade e passa a ser vista, em seus diferentes usos, como um conjunto heterogêneo e ilimitado de jogos de linguagem. Pensamos que Wittgenstein nos permite caminhar nessa direção.

Tamayo-Osorio & Cuellar-Lemos (2016, p. 61) exemplifica estes efeitos partindo das práticas de contar e numerar da comunidade indígena de Alto Gunadule Cayman (Colômbia), para abrir outros horizontes conceituais em educação [matemática] em relação ao estudo das práticas culturais desde territórios fronteiraços de atividade humana – indígenas ou não –, procurando abandonar as aplicações científicas e referenciais ao pesquisar culturas e tradições diferenciadas.

Descrevendo jogos de linguagem, partindo de atos narrativos ou jogos de cena, em áreas de fronteira, relacionados com a prática de contagem, enumeração, Tamayo-Osorio & Cuellar-Lemos (2016, p. 63) vai ampliar significações em usos sobre estas práticas, reivindicando a importância de estudar estes territórios mestiços de educação, uma vez que se descrevem práticas culturais de outras formas de vida sem ter como referência a perspectiva logocêntrica do conhecimento, mas considerando-os como jogos de linguagens independentes com semelhanças de família.

Compreender as matemáticas como um conjunto diversificado e heterogêneo de práticas performativas, coloca-nos na produção de discursos na [e desde as] fronteiras simbólicas que constantemente se reinventam por sujeitos fronteiriços, que são muitas vezes invisibilizados em pesquisas de tipo verificacionista.

3 - Considerações finais:

Marim: Penso ser possível e oportuno inserir nestas considerações finais algumas performances corpóreas relacionadas à história de eventos efetivos ocorridos no último Encontro Nacional da Educação Matemática (ENEM), no ano de 2013.

Tamayo-Osório: O que haveria de relação entre este texto produzido e o último evento do ENEM? Que rastros, no sentido derridiano, podemos percorrer a partir dele?

Marim: Penso que este texto, assim como os rastros que ele carrega de nossas pesquisas, além de estudos e trabalhos do grupo PHALA, estaria neste encontro como um dos possíveis efeitos da Mesa Redonda² em que o Prof. Miguel participou em 2013, numa das salas da Pontifícia Universidade Católica (PUC – PR), em Curitiba.

Tamayo-Osório: E você acompanhou a discussão da mesa em Curitiba?

Marim: Sim, efetivamente. Sinto o calor dos corpos que lotavam a pequena sala, disputando um espaço para assistir aos debatedores, numa dia chuvoso curitibano. Aquele debate provocou a muitos que estavam presentes. Como os corpos que ali estavam podiam não ser afetados pelo tom incisivo e veloz com que o Miguel lia seu texto escrito- imagético? Como não problematizar o papel da filosofia na condução de pesquisas em historiografia da educação (matemática) após a comparação da nossa linguagem a uma cidade coberta pela névoa com pontes e casas sobrepostas (MIGUEL, 2013)? Como não ver matemáticas nas

²No evento de 2013, o Prof. Dr. Antonio Miguel apresentou o texto *Historiografia e Terapia na Cidade da Linguagem de Wittgenstein*, ao lado de Carlos Viana e Arlete Brito, numa das salas da PUC-PR.

práticas corporais ordinárias de carteiros orientados pelas regras do Código de Endereçamento Postal (CEP)?

Tamayo-Osório: Interessante, como um evento tal como o ocorrido pode gerar efeitos de sentido em nossas maneiras de ver os objetos de nossas pesquisas ou em nossas maneiras de conduzi-las?

Marim: Naquele dia, eu me perguntava, o que seria uma linguagem completa? O código morse não seria uma linguagem completa? A linguagem C da programação computacional não seria uma linguagem completa? Porém, Wittgenstein apareceu-me espectralizado em Miguel. O que me fez compreender a multiplicidade de jogos de linguagens, os quais jamais formariam uma linguagem completa, pois a metáfora do ‘*como se*’ a nossa linguagem fosse uma velha cidade, de casas novas e velhas, construídas em diferentes épocas (WITTGENSTEIN, 1975; MIGUEL, 2013) apresentada em uma figura de sobreposição de casas...

Tamayo-Osório: Esta “epígrafe estético-arquitetônica” (MIGUEL, 2016, p.207) que você se refere à fala de Miguel me levou ao Wittgenstein das Investigações, ao que pareceu-me querer usar uma metáfora para nos provocar a entender a multiplicidade de jogos de linguagem como sobreposição e semelhanças de família entre eles, fora de uma relação de pertinência a uma linguagem-mãe, completa, unitária e essencialista.

Se você quer dizer que elas por isso não são completas, então pergunte-se se a nossa linguagem é completa; se foi antes que lhe fossem incorporados o simbolismo químico e a notação infinitesimal, pois estes são, por assim dizer, os subúrbios de nossa linguagem. (E com quantas casas ou ruas, uma cidade começa a ser cidade?) Nossa linguagem pode ser considerada como uma velha cidade: uma rede de ruelas e praças, casas novas e velhas e casas construídas em diferentes épocas; e isto tudo cercado por uma quantidade de novos subúrbios com ruas retas e regulares e com casas uniformes. (WITTGENSTEIN, 1975, IF, §17 e 18, p.19).

Marim: E assim, práticas corpóreas matemáticas, sejam elas provenientes de contextos escolares colonialistas, de contextos ordinários dos gunadules, de carteiros, de acadêmicos, de programadores, enfim, o aforismo wittgensteiniano não permite mais separar a matemática do corpo; o corpo da mente. Aliás, os dualismos e as categorizações rígidas jamais permanecerão tão evidentes e puras depois do Segundo Wittgenstein.

Tamayo-Osório: Espere! Práticas corpóreas matemáticas? Eu vi um corpo matemático! A matemática como um corpo que participa de diversos contextos. A matemática possui corpo? Um corpo tem matemática? Você me deixou confusa!

Marim: Espere, lá! Não seria este o efeito de sentido! Práticas corpóreas matemáticas poderiam ser comparadas a ação humana, formas de vida, ou seja, a atividades corporais orientadas por uma variedade de propósitos.

4 - Referências

CARLSON, M. A. **Performance**: uma introdução crítica. Tradução de Thais Flores Nogueira Diniz e Maria Antonieta Pereira. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.

FARIAS, K. C. dos S. **Práticas mobilizadoras de cultura aritmética na formação de professores da Escola Normal da Província do Rio de Janeiro (1868–1889)**: ouvindo fantasmas imperiais. 2014. 405p. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Estadual de Campinas – Faculdade de Educação – Campinas, SP, 2014.

GEBAUER, Gunter. **O pensamento antropológico de Wittgenstein**. Tradução de Milton Camargo Mota. São Paulo: Edições Loyola, 2013.

JESUS, Francis. R. de. **Indisciplina e transgressão na escola**. 2015. 512p. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Estadual de Campinas – Faculdade de Educação – Campinas, SP, 2015.

MARIM, M. M. B. **AM[OU]**: um estudo terapêutico-desconstrucionista de uma paixão. Dissertação de mestrado. UNICAMP/FE.– Campinas, SP, 2014.

MCDONALD, H. **The narrative act: Wittgenstein and narratology**. *Surfaces Revenue électronique*, v. IV, 1994. Disponível em: <<http://www.pum.umontreal.ca/revues/surfaces/vol4/mcdonald.html>>. Acesso em: 14 out. 2013.

_____. Narrative Theory and Cultural Studies. *Telosjournal*. v. 2001, nº121, p. 11-53, 2001.

MIGUEL, A. Vidas de professores de matemática: o doce e o dócil do adoecimento. In: GOMES, M. L. M.; TEIXEIRA, I. A. C.; AUAREK, W. A.; PAULA, M. J. (orgs.). **Viver e Contar**: experiências e práticas de professores e Matemática. São Paulo: Livraria da Física, 2011. p. 271–309.

_____. **A pesquisa historiográfica sob uma perspectiva wittgensteiniana**. In: Encontro Nacional de Pesquisas em História da Educação Matemática, 1., Vitória da Conquista, BA: UESB, Anais eletrônicos, v. 1, 2012. Mesa redonda. 1 CD ROM.

_____. **Historiografia e terapia na cidade da linguagem de Wittgenstein**. Texto apresentado oralmente na Mesa Redonda intitulada História da Educação Matemática: o que a Filosofia tem a ver com isso? XI Encontro Nacional de Educação Matemática (XI ENEM),

promovido pela Sociedade Brasileira de Educação Matemática (SBEM) e realizado pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR), no período de 18 a 21 de julho de 2013, no campus da PUC, Curitiba (PR), 2013.

_____. **A Terapia Gramatical-Desconstrucionista como Atitude de Pesquisa (Historiográfica) em Educação (Matemática).** *Perspectivas da Educação Matemática*, Volume 8, n.18, Número Temático, p. 607-647. Campo Grande (MS): UFMS, 2015.

_____. **Um jogo memorialista de linguagem:** um teatro de vozes. Livre Docência. Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação. Campinas, SP, 2016. 677 p

PERUZZO JUNIOR, Léo. **Wittgenstein:** o interior numa concepção pragmática. Curitiba, PR: CRV, 2011.

TAMAYO-OSORIO, CAROLINA & CUELLAR-LEMOS, RICHARD NIXON. **Juegos de lenguaje en movimiento: Una experiencia indígena.** *Revista Latinoamericana de Etnomatemática*, 9(1), 49-70. (2016).

WITTGENSTEIN, L. **Investigações Filosóficas.** Tradução de José Carlos Bruni. São Paulo: Abril Cultural, 1975. Coleção Os Pensadores.